

CARTA DO MAHACHOHAN 1881

Este texto pertence a uma tradição recente, que é o movimento teosófico moderno. A Sociedade Teosófica foi fundada em 17 de novembro de 1875 por Helena Petrovna Blavatsky e pelo Coronel Henry Steel Olcott, e, "segundo testemunhos pessoais de dezenas de pioneiros do movimento teosófico no século 19, a fundação da Sociedade Teosófica – em 1875 – contou com a orientação direta de alguns seres que ultrapassaram, há muito, o estágio atual de evolução da nossa humanidade. Durante os seus primeiros anos, a S.T. recebeu uma influência especialmente forte – embora raramente ostensiva – destes que são chamados de *Adeptos*, *Mahatmas* ou *Mestres de Sabedoria* por discípulos e estudiosos de Ocultismo. A influência destes seres na S.T. – perceptível até hoje para muitos – era especialmente forte nas instituições teosóficas da Europa, Índia e América do Norte.

O termo *adepto* vem do latim – *adeptus* – e significa "aquele que obteve". Em Ocultismo, explica Helena Blavatsky, o Adepto é um ser plenamente iniciado, que zela pela humanidade e dirige o seu progresso, orientando-a no sentido do bem. *Mahatma* (literalmente, *grande alma*) é um termo sânscrito que designa um Adepto de elevado nível e que completou o ciclo da evolução humana. A expressão *Mestre de Sabedoria*, por sua vez, designa um Adepto que aceita discípulos e colaboradores em seu trabalho altruísta pela humanidade".

Nos primeiros anos da Sociedade Teosófica, alguns de seus membros tiveram o privilégio de trocar correspondência com alguns Adeptos; são documentos preciosos, que não eram escritos nem enviados pelos procedimentos usuais. Estas cartas foram precipitadas, o que vem a ser um processo especial de materialização. Originais desses textos estão guardados na sede internacional da Sociedade Teosófica, na Índia, e no Museu Britânico, em Londres.

Sete Adeptos são chamados *Chohans*, e na Hierarquia constituída por Eles, executam tarefas especiais no trabalho de aperfeiçoamento da humanidade, como responsáveis pelos sete raios evolutivos; nesta Hierarquia, o Maha-Chohan é o chefe dos Chohans.

Esta carta é tida como uma das mais importantes já recebida dos Adeptos, seja pelo seu precioso conteúdo (atual ainda em nossos dias, e, com certeza, por muito tempo ainda), ou seja porque revela a posição do próprio Maha-Chohan em relação ao trabalho espiritual pelo bem da humanidade.

Existem duas grandes compilações das Cartas dos Mahatmas:

- *Cartas dos Mestres de Sabedoria* transcritas e compiladas por C. Jinaradasa, publicadas pela Editora Teosófica (Brasília, 1996), de onde foi extraída a carta que ora apresentamos e o texto citado anteriormente;

• e as *Cartas dos Mahatmas para A. P. Sinnett*, cuja edição brasileira está sendo preparada, também pela Editora Teosófica.

A CARTA DO MAHA-CHOHAN PARA A. P. SINNETT

Uma versão resumida da visão do *Chohan* sobre a S.T., a partir de suas próprias palavras, conforme transmitidas na noite passada. Minha própria carta, em resposta à sua, seguirá em breve.

K.H.

A doutrina que promulgamos, por ser a única verdadeira, deve, apoiada em provas como as que estamos por oferecer, triunfar, afinal, como qualquer outra verdade. Contudo, é absolutamente necessário incuti-la gradualmente, colocando em prática suas teorias, fatos inquestionáveis para aqueles que sabem, com inferências diretas deduzidas das — e corroboradas pelas — evidências fornecidas pelas modernas Ciências Exatas. Esta é a razão pela qual o Coronel H.S.O., que trabalha apenas para reviver o Budismo, pode ser visto como alguém que se esforça na verdadeira senda da teosofia, muito mais do que qualquer outra pessoa que escolha como meta a gratificação de suas próprias e ardentes aspirações ao conhecimento oculto. Despojado de suas superstições, o Budismo é verdade eterna, e aquele que se esforça por encontrar esta última está buscando a *Theo-Sophia*, Sabedoria Divina, que é um sinônimo da verdade.

Para que nossas doutrinas ajam de forma prática sobre o assim chamado código moral, ou as idéias de retidão, pureza, auto-esquecimento, caridade, etc., temos de popularizar o conhecimento da Teosofia. O que caracteriza o verdadeiro teosofista não é o objetivo individual e determinado de obter para si mesmo o Nirvana (culminação de todo conhecimento e sabedoria absoluta) — o que, afinal, é apenas um sublime e glorioso *egoísmo* — mas a dedicação à busca com auto-sacrifício do melhor meio para levar nosso próximo ao caminho correto, beneficiando o maior número possível de nossos semelhantes.

Os setores intelectualizados da humanidade parecem estar-se dividindo rapidamente em dois grupos. Um prepara-se inconscientemente para longos períodos de aniquilação temporária, ou estados de não-consciência, devido ao abandono deliberado de seu intelecto, e aprisionamento nas estreitas trilhas do fanatismo religioso e da superstição, processo que inevitavelmente conduz à total deformação do princípio intelectual; o outro entrega-se desenfreadamente a seus impulsos animais, com a intenção deliberada de *submeter-se* à aniquilação pura e simples em caso de fracasso, e a milênios de degradação após a dissolução física. Essas "classes intelectuais", agindo sobre as massas ignorantes que elas atraem, e que as vêem como nobres e dignos exemplos a seguir, rebaixam e degradam moralmente aqueles que deveriam proteger e orientar. Entre a superstição degradante e o ainda mais degradante e brutal materialismo, a pomba branca da verdade dificilmente encontra um lugar onde possa descansar seus pés desprezados e exaustos.

Já é tempo de a teosofia entrar em cena; os filhos dos teosofistas serão mais provavelmente teosofistas, em seu tempo, do que qualquer outra coisa. Nenhum

mensageiro da verdade, nenhum profeta jamais conquistou, durante seu tempo de vida, um completo triunfo, nem mesmo Buda. A Sociedade Teosófica foi escolhida como a pedra fundamental, o alicerce das religiões futuras da humanidade. Para alcançar o objetivo proposto, foi determinado que houvesse uma convivência maior, mais sábia, e especialmente mais benevolente, do superior com o inferior, do Alfa e do Ômega da sociedade. A raça branca deve ser a primeira a estender a mão da fraternidade aos povos de cor escura e a chamar de irmão o pobre "negro" desprezado. Esta perspectiva pode não agradar a todos, mas não é teosofista aquele que se opõe a este princípio.

Em vista do sempre crescente triunfo e, ao mesmo tempo, mau uso do livre-pensamento e da *liberdade* (o reino universal de Satã, como o chamaria Eliphaz Levi), como poderia o instinto combativo natural do homem ser impedido de infligir crueldades e atrocidades, tirania, injustiça, etc., até hoje inimagináveis, se não através da tranquilizadora influência de uma fraternidade e da aplicação prática das doutrinas esotéricas de Buda?

Pois, como todos sabem, a libertação total da autoridade do poder único ou lei que a tudo impregna, chamada de Deus pelos padres — Buda, Sabedoria Divina e iluminação ou Teosofia pelos filósofos de todas as épocas — significa também a emancipação, no mesmo sentido, da lei humana. As doutrinas fundamentais de todas as religiões se comprovarão idênticas em seu significado esotérico, uma vez que sejam desagrilhoadas e libertadas do peso morto representado pelas interpretações dogmáticas, dos nomes pessoais, das concepções antropomórficas e dos sacerdotes assalariados. Osiris, Krishna, Buda e Cristo serão apresentados como nomes diferentes de uma mesma estrada real para a bem-aventurança final, o Nirvana.

O Cristianismo místico, isto é, aquele Cristianismo que ensina a autolibertação através do nosso próprio sétimo princípio — o *Para-Atma (Augoeides)* libertado, chamado por alguns de Cristo, por outros, de Buda, e equivalente à regeneração ou renascimento em espírito — será visto como exatamente a mesma verdade do Nirvana do Budismo. Todos nós temos de nos livrar de nosso próprio Ego, o ser ilusório e aparente, a fim de reconhecer nosso verdadeiro ser em uma vida divina transcendental. Mas, se não formos egoístas, devemos esforçar-nos e fazer com que outras pessoas vejam essa verdade, e reconheçam a realidade desse ser transcendental, o Buda, Cristo ou Deus de cada pregador. Esta é a razão por que mesmo o Budismo exotérico é o caminho mais seguro para conduzir os homens em direção à única verdade esotérica.

Do modo como se encontra o mundo agora, seja cristão, muçulmano ou pagão, a justiça é desconsiderada, enquanto a honra e a piedade são atiradas ao vento. Numa palavra, vendo que os objetivos principais da S.T. são mal interpretados por aqueles mais interessados em nos ajudar pessoalmente, como iremos lidar com o restante da humanidade, em meio à maldição conhecida como "luta pela vida", que é a real e mais prolífica causa da maioria das desgraças e tristezas e de todos os crimes? Por que esta luta teve que tornar-se o esquema quase universal do universo? Nós respondemos: porque nenhuma religião, com exceção do Budismo, ensinou até agora um desapego prático por essa vida mundana, enquanto cada uma delas — sempre com aquela única e solitária exceção — através de seus infernos e danações, inculcou o maior pavor em relação à morte. Por isso nós encontramos, de fato, esta luta pela vida imperando mais violentamente nos países cristãos, prevalecendo especialmente na Europa e na América. Ela é mais fraca nas terras pagãs e praticamente desconhecida entre as populações

budistas. (Na China, durante um período de fome, onde as massas são mais ignorantes em relação a sua própria religião ou a qualquer outra, foi notável o fato de que aquelas mães que devoraram seus filhos pertencessem às localidades onde se encontrava a maior quantidade de missionários cristãos; onde não havia nenhum deles e apenas os bonzos possuíam a terra, a população morria com o máximo de indiferença). Ensine-se ao povo a ver que a vida nesta Terra, mesmo a mais feliz, é apenas um fardo e uma ilusão, que apenas o nosso próprio *karma*, a causa que produz um efeito, é nosso próprio juiz, — nosso salvador em vidas futuras — e a grande luta pela vida em breve perderá sua intensidade. Não há penitenciárias nas terras budistas, e o crime é praticamente desconhecido entre os budistas no Tibete. (O que foi dito acima não é dirigido a você, ou seja, A.P.S., e nada tem a ver com o trabalho da Sociedade Eclética de Simla. Pretende apenas dar uma resposta à impressão equivocada do Sr. Hume a respeito do "trabalho do Ceilão" como não sendo Teosofia).

O mundo em geral, e especialmente a cristandade, abandonado por dois mil anos ao regime de um Deus pessoal, bem como a seus sistemas políticos e sociais baseados nessa idéia, provou agora ser um fracasso. Se os teosofistas dizem: "Nada temos com tudo isso; as classes mais baixas e as raças inferiores (aquelas da Índia, por exemplo, na concepção dos britânicos) não são motivo de preocupação para nós e devem arranjar-se como podem" — o que acontece com nossas belas declarações sobre benevolência, filantropia, reforma etc.? Serão tais declarações falsas? E se forem falsas, poderá a nossa senda ser a verdadeira? Não deveríamos nos dedicar a ensinar a alguns poucos europeus, que vivem na abundância — muitos deles carregados com as dídivas de uma fortuna imerecida — a explicação racional dos fenômenos de campanhas soando no ar, da materialização de xícaras, do telefone espiritual e da formação do corpo astral, e deixar os numerosos milhões de ignorantes, de pobres e desprezados, humildes e oprimidos, tomar conta de si mesmos e de sua vida futura da melhor forma possível que puderem? Nunca! Antes pereça a S.T., com os seus dois infelizes fundadores, do que permitirmos que ela se transforme em mera academia de magia, um centro de ocultismo. Que nós, os devotados seguidores daquele espírito encarnado do absoluto auto-sacrifício, da filantropia, da divina benevolência, assim como de todas as mais elevadas virtudes que se pode alcançar nesta terra de tristeza — o homem dos homens, Gautama Buda — permitíssemos, em algum momento, à S.T. representar a *corporificação do egoísmo*, o refúgio dos poucos que jamais pensam nos muitos, é uma estranha idéia, meus irmãos.

Entre os poucos vislumbres obtidos pelos europeus acerca do Tibete e de sua hierarquia mística de "Lamas perfeitos", há um que foi corretamente compreendido e descrito. "A encarnação do *Bodhisattva, Padma Pani*, ou *Avalokitesvara* e *Tsong-ka-pa* e a de *Amitabha*, que renunciavam, na sua morte, à obtenção do Budado — ou seja, o *summum bonum* da bem-aventurança e da felicidade pessoal individual — de forma a nascerem mais e mais vezes em benefício da humanidade". (R.D.) (1) Em outras palavras, que deveriam ser submetidos reiteradamente à miséria, ao aprisionamento da carne e a todas as tristezas da vida, para que, através deste auto-sacrifício, repetido através de longos e monótonos séculos, pudessem tornar-se os meios de assegurar a salvação e a bem-aventurança futura para um punhado de homens escolhidos entre uma das muitas raças da humanidade. E é de nós, os humildes discípulos destes Lamas perfeitos, que se espera aprovação para que a S.T. abandone seu nobre título de Fraternidade da humanidade e torne-se uma simples escola de Psicologia. Não, não, bons irmãos, vocês já estão equivocados há demasiado tempo. Vamos entender-nos

bem. Aquele que não se sente competente o bastante para compreender suficientemente a nobre idéia, para trabalhar por ela, não necessita assumir uma tarefa que é muito pesada para ele. Mas dificilmente haverá um teosofista em toda a Sociedade, que não possa auxiliá-la eficientemente através da correção das impressões errôneas dos de fora, quando não ajudar realmente através da propagação dessa idéia. Ah, o homem nobre e altruísta que nos auxiliar *efetivamente*, na Índia, nesta divina tarefa! Todo nosso conhecimento, passado e presente, não seria suficiente para recompensá-lo.

Tendo explicado nossos pontos de vista e aspirações, tenho apenas mais umas poucas palavras a acrescentar. Para serem verdadeiras, a religião e a filosofia têm de oferecer a solução de todos os problemas. Que o mundo esteja moralmente em tão má condição é uma evidência conclusiva de que nenhuma de suas religiões e filosofias, aquelas das raças *civilizadas* menos do que qualquer outra, jamais possuíram a *verdade*. As explanações corretas e lógicas sobre os problemas dos grandes princípios duais — certo e errado, bem e mal, liberdade e despotismo, dor e prazer, egoísmo e altruísmo — são tão impossíveis para elas agora como eram há 1881 anos atrás. Elas estão tão longe da solução quanto sempre estiveram; mas deve haver, em algum lugar, uma solução consistente para estes problemas e, se nossas doutrinas provarem sua competência em oferecê-la, então o mundo será o primeiro a confessar que esta deve ser a verdadeira filosofia, a verdadeira religião, a verdadeira luz, a qual dá a verdade e nada mais que a verdade.

(1) Rhys Davids